

## *Obrar pela própria salvação*

### O Purgatório e o além

O terceiro lugar do além cristão, com o Inferno e o Paraíso, seria uma invenção da Idade Média, segundo Jacques Le Goff (*La naissance du Purgatoire* [O nascimento do Purgatório], 1981). Conquanto seja possível encontrar-lhe alguns precedentes, o fato é que, a partir dos séculos XII-XIII, a noção se arraiga nos espíritos e nas práticas da Igreja do Ocidente, sem obter entretanto o assentimento das Igrejas gregas. Fixa-se então, por séculos, a tríade dos caminhos oferecidos aos fiéis depois da morte e que Dante explicou no percurso poético e iniciático da *Divina comédia*. Em que consistiu essa novidade?

O cristianismo desenvolve uma concepção linear da história da humanidade, pontuada por três marcos principais: a criação do mundo, obra divina que o primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, relata de modo metafórico; a Encarnação de Deus na terra através da pessoa de Jesus; o fim dos tempos, também descrito de um modo metafórico no último livro da Bíblia, o Apocalipse. Por sua vez, o Evangelho de Mateus (Mt 25, 31-46) refere como o fim dos tempos será marcado pela ressurreição dos corpos e pelo juízo que separará, conforme a atenção dada ao próximo, os danados dos eleitos, sendo os primeiros precipitados no inferno e os segundos admitidos no Paraíso. Numerosas representações figuradas, postas nos portais das igrejas (Autun, Bourges, Char-

tres), transmitiram amplamente, com o ensino escrito e oral, essa visão binária do além. Mas, nessa perspectiva, o destino final só é jogado no fim do mundo: os fiéis se perguntaram como imaginar o destino das almas entre o momento em que se considera que se separam do corpo, na morte, e o encerramento da história humana. Era-lhes ensinado então que esse longo tempo de espera se desenrolaria no seio de Abraão, pai de todos os crentes; lugares chamados limbos acolhiam, no caso dos limbos dos Patriarcas, os homens que não haviam conhecido a revelação de Cristo e, no caso dos limbos das crianças, os bebês mortos antes de ter recebido o batismo e ser agregados à comunidade dos cristãos. Encontra-se igualmente em alguns autores anteriores ao século XII, entre eles santo Agostinho, a ideia de que a visão de Deus prometida aos eleitos só seria acessível ao fim de um tempo de purificação, deixando entrever o que ia se tornar o Purgatório.

Os primeiros vestígios do Purgatório podem ser identificados no século XII, nos escritos dos cistercienses ou de mestres seculares das escolas urbanas. Estes desenvolvem a seguinte concepção: raros são os crentes que podem se prevalecer de uma perfeição tal que os conduza diretamente ao Paraíso e, para a grande maioria, impõe-se um tempo suplementar de penitência, proporcional à amplitude das faltas não expiadas – princípio ousado, devido talvez à influência da cultura matemática que se desenvolve então nas cidades. Essas ideias transformam a visão do além, que, de binária, se torna ternária. Elas têm por consequência maior fazer o Juízo Final ser precedido por um juízo individual situado, para cada um, no artigo da morte: o fiel poderá ver-se projetado no Inferno se se obstinar em seus pecados e em sua falta de esperança na misericórdia divina; ganhar diretamente o Paraíso, se der todos os sinais da perfeição; mais seguramente, encontrar-se no Purgatório, para consumir a penitência necessária, ao cabo da qual irá para o Paraíso, já que só se sai do Purgatório para o alto. Como Jacques Le Goff percebeu tão bem, esse “terceiro lugar” constituiu uma formidável lufada de esperança para os fiéis: “O Purgatório esvaziou o Inferno.” A visão de Deus (ou visão beatífica) pode portanto ser alcançada antes mesmo do

Juízo Final, depois do qual ela seria no entanto intensificada, segundo o ensinamento do papa Bento XII (Constituição *Benedictus Deus*, 1336).

Para difundir essas novas concepções foi necessário formalizá-las em função das categorias de tempo e de espaço. Os autores medievais tentaram pois situar o Purgatório em lugares temíveis do planeta, conhecidos por suas condições naturais extremas; foram escolhidos, assim, seja a cratera do Etna, boca de fogo que se prestava à perfeição à imagem dele, seja um abismo localizado numa ilha ao largo da Irlanda, que servia de local de ascese para os eremitas: o “Purgatório de São Patrício”. De fato, embora termine numa saída favorável, o Purgatório não é encarado como um local agradável: as penas sofridas pelas almas se aproximam das penas do Inferno, a julgar pela iconografia que vai se fixando pouco a pouco e que retoma os suplícios do fogo, do frio e das trevas, que as imagens infernais haviam desenvolvido. Quanto ao tempo purgatório, considerou-se que podia ser abreviado graças aos méritos acumulados pelos mais justos, instaurando uma verdadeira solidariedade de salvação entre os crentes. Os méritos de Cristo, incomensuráveis, permitiam que a Igreja dispusesse de um “tesouro”, dizem os textos (santo Anselmo, † 1109), que ela distribuía na forma de indulgências; os méritos dos santos eram invocados por seus devotos, que buscavam a intercessão deles junto a Deus, notadamente na hora do juízo; quanto aos méritos dos simples fiéis, acumulados na forma de “boas obras” (preces, celebração de missas, doações e outros gestos de piedade), também eram levados em conta. Relatos exemplares, registrados notadamente pelos dominicanos, vão contar como determinado marido falecido aparecera depois da morte à sua esposa, no Purgatório, primeiro negro de pecado, depois purificado à medida que ela reunia benefícios em seu favor... Esse princípio também está na origem do grande sucesso obtido pelas confrarias, associações fundadas por iniciativa dos fiéis, que punham em prática entre seus membros não só uma solidariedade espiritual, mas também formas de ajuda mútua material em caso de dificuldades.

Compreende-se portanto que era importante preparar o fiel a ter um bom fim, pois todo arrependimento, inclusive o mais tardio, no leito de morte, pode ser fonte de salvação. Os meios intelectuais que formalizaram o Purgatório são também aqueles em que se elabora a nova disciplina penitencial, a confissão auricular individual, segundo a qual a verdadeira responsabilidade reside na intenção que preside o ato. Por isso, a ajuda sacramental dada antecipadamente ao moribundo pela extrema-unção se enriquece com uma derradeira comunhão e uma última confissão, como atestam as “Artes de morrer” (*Artes moriendi*), esses livrinhos compostos no curso do século XV, nos quais são descritos e ilustrados em xilogravura os derradeiros combates espirituais a serem travados.

Essa visão do além vai contribuir para desenvolver e sistematizar as práticas, nascidas antes, da prece em benefício dos mortos. Muito antes do “nascimento do Purgatório”, a sociedade já esperava dos monges, esses especialistas da oração, que orassem pelos mortos: cada mosteiro dispunha da sua lista de familiares, alguns dos quais tinha até o privilégio de ser inumado entre as paredes do lugar. No século XI, o abade de Cluny, Odilon, instaurou uma festa especial em homenagem aos defuntos, estabelecida no dia 2 de novembro, logo em seguida da que comemora os eleitos, a de Todos os Santos. Essa nova festa teve enorme sucesso. A “lógica” do Purgatório veio amplificar o fenômeno e lhe dar um relevo particular, tanto mais que se revelava simultaneamente que a boa obra por excelência era a comemoração do sacrifício de Cristo, a celebração eucarística. Os fiéis, a título individual ou coletivo, no âmbito das confrarias, encomendaram então, abundantemente, aos clérigos celebrações de missas, seja logo após um falecimento, a fim de abreviar o mais possível para o defunto as penas do Purgatório, seja perpetuamente, seja enfim combinando os dois ritmos, já que a introdução de um juízo individual não havia feito desaparecer a crença no Juízo Final. Numerosos clérigos, ordenados padres mas privados de paróquia ou outros benefícios, encontraram nessas celebrações fontes de renda lucrativas que, em certas regiões, eles repartiam entre nativos

da mesma aldeia, no âmbito de poderosas associações clericais. No sudoeste da França, coletas organizadas junto aos paroquianos para financiar missas em intenção das almas no Purgatório deram igualmente lugar à fundação de associações: as Bacias do Purgatório. A representação da sociedade dos crentes se subdividiu em três grupos: a Igreja triunfante, a dos eleitos; a Igreja sofredora, a das almas do Purgatório; a Igreja militante, a dos vivos, preocupada em aliviar a precedente.

Essas concepções e os usos que elas induziram, por mais surpreendentes que possam parecer ao homem do século XXI, correspondiam entretanto a uma expectativa profunda: não se poderia explicar de outro modo sua persistência tenaz através de toda a época moderna, que conservou a prece medieval para as “almas do Purgatório” até os dias de hoje. No entanto, segundo pesquisas recentes (Guillaume Cuchet), a Primeira Guerra Mundial teria contribuído para lançar um outro olhar sobre a noção de Purgatório: de fato, se pudermos nos permitir este triste jogo de palavras, o inferno das trincheiras foi considerado, pelos que por ele passaram, como um verdadeiro Purgatório na Terra...

CATHERINE VINCENT